

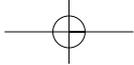
## HOMEM

Inútil definir este animal aflito.  
Nem palavras,  
nem cinzéis,  
nem acordes,  
nem pincéis  
são gargantas deste grito.  
Universo em expansão.  
Pincelada de zarcão  
desde mais infinito a menos infinito.

## VIDRO CÔNCAVO

Tenho sofrido poesia  
como quem anda no mar.  
Um enjoo.  
Uma agonia.  
Sabor a sal.  
Maresia.  
Vidro côncavo a boiar.

Dói esta corda vibrante.  
A corda que o barco prende  
à fria argola do cais.



Se vem onda que a levante  
vem logo outra que a distende.  
Não tem descanso jamais.

### MOINHO SEM VELAS

Meu moinho abandonado,  
meu refúgio de inocente,  
meu suspiro impertinente,  
meu social transtornado.

Meu sussurro de oceano,  
meu ressoar de caverna,  
minha frígida cisterna,  
minha floresta de engano.

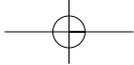
Minha toca de selvagem,  
meu antro de vagabundo,  
minha torre sobre o mundo,  
minha ponte de passagem.

Meu atributo coitado,  
meu tanger de hora serena,  
rolo de pedra morena,  
silêncio petrificado.

### IMPRESSÃO DIGITAL

Os meus olhos são uns olhos.  
E é com esses olhos uns  
que eu vejo no mundo escolhos





onde outros, com outros olhos,  
não vêem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos diz flores.  
De tudo o mesmo se diz.  
Onde uns vêem luto e dores  
uns outros descobrem cores  
do mais formoso matiz.

Nas ruas ou nas estradas  
onde passa tanta gente,  
uns vêem pedras pisadas,  
mas outros, gnomos e fadas  
num halo resplandecente.

Inútil seguir vizinhos,  
querer ser depois ou ser antes.  
Cada um é seus caminhos.  
Onde Sancho vê moinhos  
D. Quixote vê gigantes.

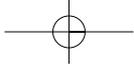
Vê moinhos? São moinhos.  
Vê gigantes? São gigantes.

### CRUZEIRO DO SUL

Ó meu relógio-de-sol,  
agulha de marear,  
minha rota sobre o mar,  
faixa da luz do farol!

Ergue as tuas mãos em delta  
e abriga-me da tormenta.  
Numa caravela esbelta  
leva-me ao mar da pimenta.





Quero adormecer na areia  
loira da praia remota  
enquanto no azul vagueia  
a asa de uma gaivota.

Quero ser cor na paisagem,  
pincelada sem contornos,  
haurindo nos ares mornos  
transparências de miragem.

Quero dormir e sonhar  
um sonho que em cor me afogue:  
verdes e azuis de Renoir,  
amarelos de Van Gogh.

Dormir nas plagas desertas,  
rosto para o céu descoberto,  
braços e pernas abertas,  
num mudo sono desperto.

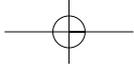
Destilar gotas de azul  
nas ensonadas pupilas.  
Cobri-las e descobri-las,  
pálpebras finas de tule.

Oh dormir! Dormir! Dormir!  
Consciente e repousado.  
Sono de flor a florir  
na encosta do outro lado.

### CARNE VIVA

Aconchego-me nos andrajos. Procuo  
(inútil) não tiritar de frio.  
A vida é longa e fria. Um longo e frio muro  
a marginar, ao longo, um longo e frio rio.





Aconhego-me nos andrajos. Puxo. Repuxo.  
Estendo os olhos, implorativos, à caridade.  
Perto, em confortáveis silogismos de luxo,  
capitalistas da Verdade.

### PULSAÇÃO DA TREVA

Fundiu-se a roda do Sol  
entre os cedros afilados.  
Desfez-se em azuis rosados,  
tinturas de tornesol.

Agora, solenemente,  
como um corpo que se enterra,  
ao som de um sino plangente  
desce a noite sobre a terra.

Campânula asfixiante.  
Circula um terror nas veias.  
Zumbem estrelas em colmeias  
num céu alheio e distante.

Numa dormência de cova,  
suspensa em leite de Lua,  
toda a vida se renova  
e a guerra se continua.

Nas marés do protoplasma  
flui, reflui, perene e forte.  
Espreita as pegadas da morte,  
persegue-a como um fantasma.

Cega e surda, impenetrável,  
lateja, na treva urdida,  
essa coisa inevitável  
que é a vida.

